

O estudo das Relações Internacionais como ponte para atuar na gestão da educação pública

Como as experiências na extensão universitária e no Projeto 'Observatório do Desenvolvimento Sustentável' foram decisivas para orientar meus rumos profissionais e buscar uma inserção na gestão pública

Lucas Maximo
*Egresso do curso de Relações Internacionais
da Universidade Federal da Paraíba*

Desde que me formei em Relações Internacionais em dezembro de 2017, tenho refletido sobre a minha trajetória durante a graduação e após sua conclusão. As conversas com colegas de turma e internacionalistas formados em outras instituições, que hoje trilham caminhos profissionais totalmente distintos do meu, levantam muitos questionamentos em minha cabeça sobre as diversas experiências que podem ser proporcionadas a partir de uma graduação em nessa área.

Da tradicional descrição do [Guia do Estudante](#), primeira referência para quase todos os ingressantes em cursos de Relações Internacionais, aos diversos relatos de carreira de concluintes do curso nos eventos acadêmicos da área, são exaustivas as menções ao caráter abrangente desse campo de estudo, e como tal amplitude pode ser relevante para forjar um profissional dinâmico e com senso crítico apurado para encarar desafios complexos. Transdisciplinar por natureza, o estudo das Relações Internacionais invariavelmente coloca o graduando em posição privilegiada para refletir sobre diversos aspectos econômicos, políticos e sociais da contemporaneidade.

Ainda assim, entre o contato existente com esse vasto campo, propiciado pelas relevantes disciplinas da grade curricular, e uma atuação prática que faça sentido para um jovem estudante numa cidade com poucas conexões internacionais como João Pessoa, há uma lacuna considerável. Por isso, ao fazer uma leitura da minha trajetória como graduando em Relações Internacionais, tenho convicção que o envolvimento em algumas atividades-chave foram fundamentais para moldar meus interesses profissionais na reta final do curso – a participação no Observatório do Desenvolvimento Sustentável certamente foi uma dessas experiências.

Em 2014, no segundo ano da graduação, iniciei um projeto de iniciação científica voltado ao estudo da agenda de desenvolvimento das Nações Unidas. Mais do que a possibilidade de compreender os fundamentos do desenvolvimento internacional e o processo negociatório que culminou na adoção da Agenda 2030, a pesquisa acadêmica nesse tema constituiu um pilar relevante para que, ao longo da formação, eu buscasse caminhos para trabalhar um importante pilar dessa Agenda: a territorialização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A escolha por tal ênfase na graduação – que se traduziu na escolha de disciplinas optativas voltadas à discussões sobre desenvolvimento e cooperação internacional, na atuação em ONGs e projetos voltados à educação para sustentabilidade e no envolvimento com a extensão universitária, como parte do Observatório do Desenvolvimento Sustentável – foi crucial para eu buscar, como primeira inserção profissional após o bacharelado, uma experiência de promoção de impacto social no setor público.

As várias capacitações que pudemos promover como extensionistas, trabalhando ações locais de fomento à Agenda 2030 em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), junto a prefeituras de diversos municípios do Nordeste brasileiro e com instituições do terceiro setor, me permitiram enxergar melhor o setor público e a gestão de políticas públicas para além da carga teórica a qual tive exposição ao longo da graduação.

Essa expectativa de atuação na administração pública foi alcançada na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, onde fui alocado após aprovação no Programa [Trainee de Gestão Pública](#) do Vetor Brasil. Durante pouco mais de um ano, atuei na implementação de um programa do Ministério da Educação que apoia as secretarias de estado de educação de todo o Brasil na garantia dos direitos de aprendizagem dos estudantes a partir da elaboração dos currículos das redes educacionais país a fora e de formação continuada de professores. Mesmo diante de diversas dificuldades, lá encontrei um ambiente altamente dinâmico e colaborativo que me possibilitou contribuir com uma ação pública que reverbera diretamente no chão da escola, impactando alunos e professores desde a educação infantil até os anos finais do ensino fundamental.

Hoje trabalho numa entidade da administração indireta do Governo do Distrito Federal responsável pela política de educação superior pública distrital, o que me permite contato com desafios distintos daqueles que vivenciei como “marinheiro de primeira viagem” no setor público. A possibilidade de contribuir com a estruturação de uma universidade pública no Distrito Federal me permite transitar por várias áreas da gestão pública, desde a definição do planejamento estratégico ao monitoramento de processos. E se hoje tenho dimensão prática do papel do governo para promoção de impacto social, muito disso se deveu às atividades promovidas via extensão universitária, sendo estas extremamente relevantes para vislumbrar outras possibilidades de atuação profissional como internacionalista.

As atividades do Observatório do Desenvolvimento Sustentável, e, acima de tudo, o contato com agentes públicos proporcionado a partir delas, abriram caminho para exercitar princípios que, hoje, são eixos fundamentais do meu trabalho na administração pública. No Observatório, tive perspectiva concreta da relevância do uso de evidências para fundamentar boas políticas públicas e de como o pensamento analítico e estruturado, tão caro à academia de Relações Internacionais, tem papel central no dia a dia do gestor comprometido com o aprimoramento da máquina pública.

